



Abordagem em levantamento de dados para projetos de sinalização visual: análise do trânsito de pessoas nos interiores de prédios

Leandro do Nascimento Vieira

Bacharel em Desenho Industrial – Programação Visual / UFRJ. Instituto Federal Fluminense
campus Campos-Centro
leandroufrj@yahoo.com.br

Resumo

O conhecimento do *designer* gráfico em formação deve estar bem construído e requer do docente uma observação constante quanto à aplicação prática mais adequada. O presente texto apresenta uma abordagem específica praticada nas aulas de uma das disciplinas do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico e indica que a implantação de um sistema eficaz de placas, que facilite a chegada de pessoas dos corredores até os locais que elas desejam encontrar, depende de um bom levantamento de dados baseado em planos.

Palavras-chave: Sinalização. *Design* Ambiental. Espaço.

1. Introdução

A docência superior aplicada à formação de *designers* gráficos requer uma preocupação à parte quanto à construção do conhecimento tendo como premissa a maneira de iniciar um projeto: coletando informações válidas. Este texto é um relato que apresenta uma abordagem simples e específica em *Design* e corresponde a um conteúdo que integra as aulas dadas na disciplina “Sinalização Urbana e de Interiores”, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos – Centro.

Em termos gerais, todo profissional em *Design* Gráfico deve ter uma metodologia de trabalho e procurar sempre conceituar projetos visando à melhor comunicação visual de uma informação ou de um grupo de informações. As aulas que orientam a maneira de fazer um levantamento específico de dados geralmente são frutuosas e motivadoras para os alunos que se formam no curso. Porém as necessidades de veiculação das informações dependem do tipo de projeto gráfico. Este texto apresenta uma abordagem simplificada voltada essencialmente

para a prática, e que tem contemplado as necessidades dos estudantes ao elaborarem projetos para ambientes construídos.

Em termos específicos, o *Design Ambiental* é um dos campos de atuação do *designer* gráfico. A respeito de como se deve projetar uma sinalização visual para interiores, o aluno estuda o desenho dos sinais, a natureza icônica do pictograma, seu significado; e também analisa a parte interna dos prédios - corredores, entradas e saídas - para que possam realizar os respectivos projetos de sinalização visual. Grupos de alunos executam levantamentos de informações utilizando a planta-baixa como base de seus estudos. Na forma de planos, estes são previamente definidos como concentradores de dados quanto à análise do uso de: rodoviárias, *shopping centers*, hospitais, academias, supermercados, etc.

2. Estudos relacionados

A função do *design* e do ambiente por ele gerado continuam sendo motivadores de aprofundamento de leituras e reflexões. Se os sistemas formados por signos são mediadores entre pessoas e o espaço no qual elas vivem, podemos afirmar que muitos estudos hoje procuram “lançar outra dimensão de estudo sobre as várias modalidades produtivas do *design* que se entende como fenômeno de linguagem onde se encontram e atritam a arquitetura, a cidade, o desenho industrial de objetos, o *design* gráfico, a comunicação e a programação visual” (FERRARA, 2002, p.6). Bem como enaltecer que

O *design* em espaços é, portanto, uma realidade tanto fenomênica como epistemológica. Ou seja, é flagrado concretamente nas manifestações sígnicas, nas marcas passíveis de serem percebidas e lidas no espaço, ao mesmo tempo em que as correlações interpretativas desses signos acabam por gerar um conhecimento do espaço enquanto objeto que tem no *design* sua dimensão representativa. (FERRARA, 2002, p.7).

Somos seres inseridos em um mundo ocidentalizado e urbano. Muitos estudos relacionados neste intróito das bases teóricas que fundamentam esta abordagem, referem-se às trajetórias das pessoas pelo espaço da cidade. Do caminhar livremente por uma rua, até o restritivo subir e descer mecânico de uma escada rolante - por experiência própria - realizamos as atividades de nosso cotidiano usando ambientes construídos que compõem o cenário que contém indicações que suprem a necessidade que temos de localização espacial. Porém o foco do levantamento está no ambiente interno das construções, e esta necessidade de situar-se ocorre em: rodoviárias, *shopping centers*, hospitais, etc. Os problemas reais de

orientação no espaço existem e são constantemente relatados com humor quando há alguém que relate a respeito de uma pessoa que adentrou um sanitário destinado para outro sexo, ou mesmo que fez uma volta inteira pelo pavimento para chegar a um lugar que lhe era próximo. Tudo que visualmente necessitamos encontrar precisa estar bem evidenciado no espaço. E no caso da estruturação de um projeto em sinalização visual, este assunto causa interesse dos arquitetos, dos ergonomistas e dos *designers* porque não trata somente da concepção de placas e pictogramas apropriados, nem somente de sistemas de orientação visual para interiores, e sim do estudo do trânsito das pessoas estando em interação com os espaços.

Por isso, pode-se afirmar que

a orientabilidade de um ambiente começa com o conhecimento da tarefa. O usuário deve estar ciente do que vai executar e saber quais os locais deve ir. Depois disso, o ambiente deve fornecer para ele informações de onde se encontra e como chegar ao local desejado, ou seja, reconhecer tanto o ponto de origem quanto o destino. Essas informações vão contribuir com o usuário na definição e escolha do seu trajeto. Essa rede de informações fornecida pelo ambiente, a escolha do trajeto e a movimentação espacial. Todo esse processo é chamado por vários pesquisadores de *'wayfinding'* (MORAES, 2004, p.89).

Portanto, por se tratar de *design* em espaços e do levantamento de dados feito dentro de ambientes compostos por paredes e tetos, pode-se dizer que “o *design* ambiental é o encontro do *design* com a arquitetura” (MELO, 2005, p.22) e este campo de atuação do *designer*, que permeia as bases teóricas mencionadas, requer - na existência de uma disciplina voltada para essa área do *design* durante a formação de nível superior - que os professores orientem os estudantes a descortinarem a teoria específica e instigante desses estudos, para iluminar as atividades na forma prática do iniciar do projeto. E não só isso: que na execução desta prática haja o depósito de algo que venha tornar o estudante interessado e curioso quanto ao “melhor fazer” de cada uma das tarefas.

Evidentemente, as adaptações feitas para a existência dessa proposta de uma abordagem prática para levantamento de dados desbastaram o peso desses conteúdos em benefício do estudante que se tornou também orientado a observar com olhos de *designer*, os mesmos ambientes antes identificados apenas como pertencentes ao cotidiano urbano das pessoas.

3. Procedimentos diante da situação-problema

O projeto gráfico para sinalização visual, portanto, deve levar em consideração o que está no campo visual do usuário do ambiente para que as placas sejam nítidas quanto à comunicação visual das informações, mediante a orientabilidade levada em conta como base do levantamento. Para isso, a finalidade dessa abordagem de levantamento dos dados é apresentar ao estudante de *Design* Gráfico uma forma de estudo no ato de concentração e preenchimento que seja relevante para a elaboração de projeto.

Uma vez assimilado o conteúdo referente às questões do espaço e dos sinais que visam orientar os usuários dentro de um prédio, os estudantes se encontram habilitados para captarem documentalmente – direto do ambiente, na pesquisa de campo - todas as informações gráficas válidas que irão estruturar o projeto.

Em primeiro lugar, ocorre a definição de quais endereços na cidade se localizam os ambientes de interiores que se tornaram foco dos estudos. A atuação é orientada aos grupos de estudantes, objetivando propor que a visita deles ao ambiente seja sistemática. O primeiro contato precisa ser formalizado no modo de esclarecimento junto ao dono, gerente, ou diretor do local e a respectiva autorização para fotografias, bem como a permanência dos estudantes para tal finalidade de trabalho requerido pelo professor.

A máquina fotográfica é utilizada para o registros sígnicos a partir de uma visão direcionada ao *design* quanto a tudo que está cercado graficamente os estudantes que passam a caminhar e conhecer aquele ambiente - que pode ter somente o térreo como pavimento, mas poderá ter outros andares aos quais deverá ser estendido o sistema de orientação e sinalização. Por outro lado, o lápis e o papel são usados com a finalidade de desenhar a forma dos corredores, suas inter-relações, bem como as áreas de cômodos para pronta recepção dos traços que, mais adiante, irão registrar o sentido de trânsito das pessoas pelos corredores, entradas e saídas.

Na primeira impressão que o ambiente causou aos estudantes, logo após a tomada bem observada do que está cercado visualmente o grupo, a execução de uma planta-baixa bem simplificada do pavimento é a atitude natural e que demandará um tempo positivo para a assimilação correta das estruturas nas quais se deseja fixação de placas de sinalização que resultem desse estudo sistêmico iniciado. No entanto a gama enorme de informações, que causam interesse de registro, precisa encontrar uma forma, uma classificação, uma ordenação e uma assinalação espacial convenientemente documentada. Daí, a proposta de que seja uma abordagem no ambiente baseada em planos.

4. A abordagem por meio de planos

Vale ressaltar que todo projeto é composto de três fases mínimas para que seja possível sua elaboração: Levantamento de dados, Desenvolvimento e Conclusão. São muitas as colocações e ponderações quanto à forma da metodologia que há décadas são feitas para a área de *Design* Gráfico, porém não estão aqui abordadas - por não serem o foco deste presente relato. Este, por sua vez refere-se pontualmente à primeira fase que é chamada de “Etapa 1”, no caso da disciplina “Sinalização Urbana e de Interiores”, na qual os estudantes providos de formas de registro do ambiente estarão executando o levantamento de dados conforme a abordagem simplificada apresentada a seguir: 1. Plano dos Locais (PL) – desenho de retângulos e identificação de nomes (Figura 1); 2. Plano das Placas Existentes (PE) – desenho de pequenos retângulos com menções e1, e2, e3... (Figura 2); 3. Plano dos Trânsitos (PT) – desenho de linhas curvas com setas nas terminações sobre uma mesma simplificação de planta (Figura 3).



Figura 1: Plano dos locais (PL)

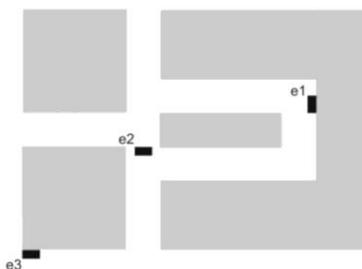


Figura 2: Plano das placas existentes (PE)

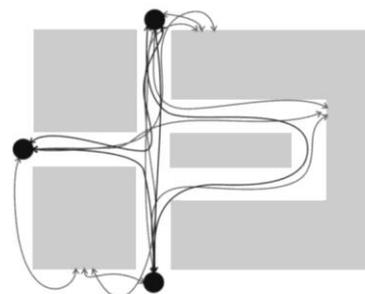


Figura 3: Plano dos trânsitos (PT)

Os títulos citados acima são dos três primeiros planos e estes estarão presentes dentre as páginas do relatório impresso, bem como na correta apresentação visual do levantamento diante dos outros grupos, no dia da entrega definido, para aquela etapa do projeto. Trata-se de desenhos feitos a partir da observação do uso dos corredores e acessos daquele ambiente, bem como anotações resultantes de particularidades que só puderam ser vistas, na efetivação da pesquisa de campo. Por exemplo: localização na planta de todas as placas que foram encontradas no local, quantidade e posição das mesmas.

Didaticamente esses são os primeiros planos apresentados com desenhos na lousa onde os estudantes anotam e aprendem a partir de uma planta-baixa simplificada construída para tal finalidade e que é objeto identificado nas cinco figuras inseridas no texto deste

trabalho. Ou seja, com a identificação de como é operado o primeiro contato dos estudantes com os planos, a abordagem encontra nos próximos dois planos a sua razão.

Pode-se dizer que os aspectos fundamentais para a geração do sistema de orientação estão em PL, PE e PT – conforme demonstrados graficamente. Porém os aspectos-alvo de interesse para realização do projeto gráfico em um segundo momento estão sintetizados nos planos seguintes, a conferir: 4. Plano das Placas Supostas (PS) - desenho de pontos e linhas retas - (Figura 4) e 5. Plano das Placas Projetadas (PP) - retângulos com menções p1, p2, p3... (Figura 5).

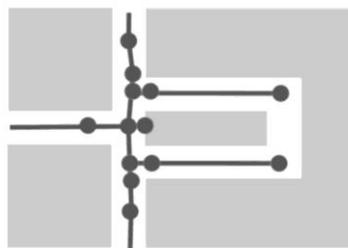


Figura 4: Plano das placas supostas (PS)

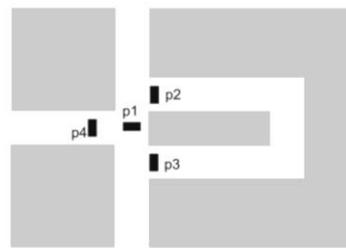


Figura 5: Plano das placas projetadas (PP)

Mesmo sendo planos desenhados após o levantamento de dados, estes têm vital importância para a construção do conhecimento do estudante que está elaborando este projeto específico em *Design Gráfico*. Sem a marcação de possibilidades de placas (construção do PS) ao longo dos caminhos encontrados dentre as estruturas construídas, por exemplo, não se pode avaliar que outra solução seria mais eficaz. O próprio PS é um resumo gráfico ponderado sobre os planos dos trânsitos das pessoas (PT) e que encontra em PE alguma comprovação da necessidade das placas, haja vista que existem no local no ato do levantamento.

5. A construção dos planos

A seguir, estão os detalhamentos para o traçado de cada plano anteriormente identificado e visualizado por meio das figuras integrantes deste relato.

PL – Inicialmente se encontra esboçado a lápis. Na “vetorização” por meio de *software* de desenho, encontra sua finalidade de existência. Este plano, como todos os outros, é uma planta-baixa simplificada que documenta os principais locais que são vistos naquele pavimento interno. Precisam de nomenclatura para adequada função de exporem - por posição

- os nomes dos locais específicos que estarão contidos nas placas projetadas para aquele ambiente que foi levantado;

PE – Também esboçado no início, para ser finalizado no computador. Este plano tem por função dar uma visão geral de todas as placas encontradas no ambiente, sejam elas pequenas ou não, eficazes ou não, desde que contenham alguma informação sobre nome, posição e/ou direção no que se refere aos locais característicos daquele ambiente. As menções “e1”, “e2”, etc. servem para evidenciar a identificação de posição e conteúdo de cada placa. E será tornado um plano base para comparação com o futuro PS;

PT – É um conjunto de planos que registra as trajetórias, o sentido do trânsito das pessoas e no qual se verifica, por exemplo, que há corredores com menor uso em relação a outros. São traços feitos a lápis sobre a fotocópia em formato A4 da simplificação da planta onde o estudante desenha linhas curvas com posicionamentos de seta conforme definição de onde estão o início e o fim de um percurso: entradas, saídas e os locais já definidos como os principais no primeiro dos planos. Este plano, portanto, apresenta de forma efetiva a reunião das trajetórias que servem de base para situar as placas do projeto gráfico em elaboração;

PS – É o plano resultante das intersecções de trânsitos registrados no plano anterior. Refere-se à marcação de pontos na planta, significando que aqueles são locais onde há possibilidade de instalação de uma placa contendo setas e nomes de locais. A partir dessas suposições de lugar para fixação das placas que estão em projeto, as escolhas são feitas para definir onde estarão instaladas as placas projetadas;

PP – É o plano em si da sinalização projetada para aquele ambiente. Trata-se do resultado final, onde estão definidas as posições no espaço que receberão as novas placas, fechando coerentemente o projeto conforme estudo do trânsito das pessoas nos interiores de um ou mais pavimentos de um prédio.

6. Resultados

A abordagem em levantamento por meio dos planos - uma vez apresentada em sala de aula - teve sua aplicação por meio dos grupos de estudantes que estavam conscientes das metas e da importância da sistematização dos dados. Desta forma, um satisfatório resultado tem sido obtido com as diferentes turmas ao longo dos períodos letivos e este relato é uma das comprovações disso.

Provavelmente, é uma abordagem que poderá receber novas implementações pois a resposta dada pelos estudantes tem sido condizente com o que se formou inicialmente como proposta e alimentadora de aperfeiçoamentos que poderão existir.

De um modo geral, os grupos executaram os planos como reais gerenciadores do levantamento de dados. E o ato da pesquisa de campo ressaltou neles o atuar inerente à prática futura da profissão quanto à percepção do ambiente como embasadora do projeto. A seguir, estão os principais resultados anotados quanto à finalização dos trabalhos que foram desenvolvidos e concluídos em sinalização visual a partir da proposta.

Em termos gerais, os estudantes: tiveram interesse em construir os planos: quanto ao conteúdo e à forma das assinalações; ficaram motivados ao projetar, por visualizarem de bom grado o modo de organização; tornaram-se criteriosos ao diferenciarem seus planos para locais designados como alvos de projeto; compreenderam qual é a importância da classificação e sistematização dos dados em levantamento e constataram que o resultado obteve qualidade devido à estrutura de abordagem.

7. Conclusão

O presente trabalho, como registro de uma experiência particular, relatou a forma que grupos de estudantes do Curso Superior de Tecnologia em *Design* Gráfico atuam dentro de um campo real de pesquisa. As estruturas e estratégias de abordagem que foram aqui mencionadas são conteúdos passados em sala de aula - o levantamento de dados por meio de planos – e isto os fazem coletar de forma objetiva os dados referentes ao trânsito das pessoas nos interiores de prédios. A partir disso, os estudantes estruturam o conhecimento deles com a prática de um alicerce importante, viabilizado por uma abordagem simples, que sistematiza dados essenciais para a início de geração de um projeto gráfico para sinalização visual.

8. Referências

FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Design em espaços*. São Paulo, SP: Edições Rosari, 2002.

MELO, Chico Homem de. *Signofobia*. São Paulo, SP: Edições Rosari, 2005.

MORAES, Ana Maria de (Org.). *Ergodesign do ambiente construído e habitado: ambiente urbano, ambiente público, ambiente laboral*. Rio de Janeiro, RJ: iUsEr, 2004.